



# O GESTO – GRUPO DE ESTUDOS EM TEATRO DO OPRIMIDO:

## entre memórias e projeções

**CÉSAR AUGUSTO PARO**

Professor Adjunto da Faculdade de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará (FASC/Unifesspa); Doutor em Saúde Coletiva pela UFRJ. César Augusto Paro é educador popular em saúde e atua em processos de ensino, pesquisa e extensão envolvendo o Teatro do Oprimido na saúde.

## RESUMO

Neste estudo, em formato de entrevista, busca-se traçar uma retrospectiva histórica da constituição do GESTO – Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido, um dos atuais grupos de pesquisa que está sediado na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A partir da interação entre seis membros deste grupo, resgatamos como se deu o surgimento do coletivo, quais têm sido as ações desenvolvidas, as suas articulações com os movimentos sociais e como tem ocorrido a inserção do Teatro do Oprimido nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da Escola de Teatro da UFBA. Desde o surgimento do GESTO, com o ingresso de curingas do Teatro do Oprimido voltados para o desenvolvimento de pesquisas junto a programas de pós-graduação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), até a atualidade, quando acontece a inserção do grupo na referida unidade da UFBA, o GESTO tem continuado a sua missão de inédito-viabilizar a inserção dos estudos em Teatro do Oprimido no ensino superior, de forma a reparar uma dívida histórica da academia brasileira com um dos maiores teatrólogos do mundo: Augusto Boal. O trabalho reúne o depoimento dos artistas-pesquisadores Antônia Pereira Bezerra, Cachalote Mattos, Helen Sarapeck, Licko Turle e Luzirene Rego, que foram entrevistados por César Augusto Paro.

## PALAVRAS-CHAVE:

Teatro do Oprimido. Grupo de Pesquisa. Augusto Boal. Universidade. Movimentos Sociais.

## THE GESTO – GROUP OF STUDIES IN THE THEATRE OF THE OPPRESSED: *between memories and projections*

### ABSTRACT

*This study is an interview that aims to trace a historical overview of the GESTO's (Group of Studies in the Theatre of the Oppressed) constitution, one of the current research groups at the Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia (ET/UFBA). Six members of GESTO participated and talked about: the beginning of the group, the actions developed by the group, its articulation with social movements, and the insertion of the Theatre of the Oppressed at ET/UFBA. Since its origins with the graduation of Theatre of the Oppressed's jokers at Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) until its current insertion at UFBA, the GESTO has been continuing its mission in promoting changes for the insertion of Theatre of the Oppressed in the academic space, what it is considered one way to repair the historical debt of Brazilian universities with one of the greatest dramatists of the world: Augusto Boal. This paper has the statements from the artists-researchers Antônia Pereira Bezerra, Cachalote Mattos, Helen Sarapeck, Licko Turle, and Luzirene Rego, interviewed by César Augusto Paro.*

### KEYWORDS:

*Theatre of the Oppressed. Research Group. Augusto Boal. University. Social Movements.*



**Pode ser que o teatro não seja revolucionário em si mesmo, mas não tenham dúvidas: é um ensaio da revolução!**

*Augusto Boal (1988)*

**O Teatro do Oprimido** é um método teatral, pedagógico, social, cultural, político e terapêutico criado por Augusto Boal (1931-2009), importante teatrólogo, diretor, dramaturgo e ensaísta carioca. No livro *Arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia*, Boal (2002, p. 28-29) o define como: “[...] um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagem e improvisações especiais, que tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana, tornando a atividade teatral um instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais.”

A metodologia do Teatro do Oprimido ancora-se em dois princípios fundamentais: i) a transformação do espectador, ser passivo, recipiente, depositário, em “espect-ator”, ou seja, em protagonista da ação dramática, sujeito, criador, transformador; e ii) o teatro não deve apenas refletir sobre o passado, mas deve ser um meio de preparo ao futuro, isto é, deve-se transformar todas as situações vividas no espaço cênico em um ensaio para a transformação da realidade. Neste sentido, Boal (1979, p. 18), quando escreve o seu livro *Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular: uma revolução copernicana ao contrário*, criticava: “basta de um teatro que apenas interprete a realidade: é necessário transformá-la!”.

No âmbito da história do teatro brasileiro, o Teatro do Oprimido é identificado como um dos representantes do teatro-político, dada sua inserção no debate sobre a realidade social mediante um aparato político-estético ancorado na criação dinâmica de peças teatrais. O contexto político-social do momento de sua criação era o da ditadura militar, que havia se instaurado a partir



de 1964. Esse período foi caracterizado por instrumentos de coerção à liberdade de expressão com a perseguição de artistas que tinham preocupações sociais e políticas. Em resposta a esse movimento, o Teatro do Oprimido surgiu para refutar a ideia da arte isolada da vida e se desdobrou da gestão de práticas de resistência democrática que compunham o cenário das lutas sociais do país no período da repressão política (Teixeira, 2007).

Desde o processo de sistematização deste método, tem sido vista a sua inserção gradativa no mundo acadêmico. No contexto nacional, já há uma pluralidade de iniciativas que buscam pesquisar o Teatro do Oprimido e experienciar processos de ensino e de extensão a partir de seus horizontes ético-artístico-políticos. Dentre tais iniciativas, destaco aqui o surgimento do GESTO, o Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido. A partir de entrevistas com atuais membras e membros desse grupo, pretendeu-se traçar uma retrospectiva histórica da constituição do GESTO, resgatando como se deu o surgimento do coletivo, quais têm sido as ações desenvolvidas, as suas articulações com os movimentos sociais e a sua relação com a Escola de Teatro da Universidade Federal Bahia (ET/UFBA).

A partir de 2017, a ET/UFBA passou a sediar um Grupo de Pesquisa, certificado pelo CNPq, derivado do coletivo GESTO. Esse fato foi deflagrado a partir do encontro entre a artista pesquisadora Antônia Pereira Bezerra (UFBA), o artista pesquisador Licko Turle e demais integrantes do GESTO. Nessa investigação preliminar, aqui apresentada em formato de entrevista, busca-se resgatar o processo de constituição do grupo, avaliando o potencial da perspectiva do Teatro do Oprimido em ambientes universitários do Brasil.

O autor deste estudo preliminar expressa a sua gratidão aos artistas pesquisadores Antônia Pereira Bezerra, Cachalote Mattos, Helen Sarapeck, Licko Turle e Luzirene Rego pelos seus depoimentos, que, de algum modo, trouxeram embutidas perspectivas futuras do grupo – do qual também faz parte: “das nossas sonhações coletivas que temos ousado construir!”

Decerto que muitos aspectos não puderam ser explorados aqui devido aos limites que a publicação em um periódico nos impõe. Sabe-se que a trajetória do GESTO poderia dar um ou vários livros. São muitos os fatos, os acontecimentos e os processos artísticos implicados nesses 10 anos de existência e resistência. Além disso, são histórias pessoais que se conectam com histórias coletivas e que expressam a determinação para o fortalecimento da perspectiva desenvolvida pelo



Teatro do Oprimido no mundo acadêmico, fazendo jus a Augusto Boal e a todos os artistas e pesquisadores que resistem à opressão, alterando realidades.

De todo modo, este manuscrito já pode ser considerado como o *pontapé* inicial que poderá deflagrar um movimento de resgate e sistematização da história deste grupo, que hoje tem sua sede formal em terras soteropolitanas, mas que continua a experienciar o seu maior desafio, que consiste em aproximar territórios e quebrar barreiras em prol da formação de redes para esperar! A Escola de Teatro da UFBA completou 65 anos em 2021 e é importante registrar – nessa trajetória voltada para o ensino, a pesquisa e a extensão das artes cênicas para as comunidades em torno da universidade – a presença da *estética do oprimido*, em que não há espectadores que delegam poderes para que outros “pensem nem para que atuem em seu lugar. O espectador se libera: pensa e age por si mesmo! Teatro é ação!” (BOAL, 1988, p. 181).

**IMAGEM 1**

Integrantes do GESTO,  
fontes orais para esse  
estudo organizado em  
formato de entrevista



GRUPO DE ESTUDOS EM TEATRO DO OPRIMIDO





A história do GESTO se cruza com a entrada de vários curingas e praticantes do Teatro do Oprimido no universo acadêmico, muitos deles se inserindo em programas de pós-graduações, como o de Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) – que é o berço deste grupo. Você poderia nos contar um pouco sobre como foi o surgimento deste grupo?

**Licko Turle** – Em 1995, ingressei no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Unirio, onde desenvolvi a dissertação *Teatro do Oprimido e Negritude – a utilização do Teatro-Fórum na questão racial*.<sup>1</sup> Através de uma descrição densa, relatei a experiência realizada pelo Coletivo Estadual do Negro Universitário (Cenun) dentro do projeto de Teatro Legislativo (BOAL, 1996b), desenvolvido no mandato político-teatral de Augusto Boal pelo Partido dos Trabalhadores (1993-1996) na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro/RJ. Em seguida, dei continuidade aos estudos do doutorado na mesma instituição, integrando o Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias (NEPAA), coordenado pelo Prof. Dr. Zeca Ligiéro.

Em 2008, Boal decide doar todo o seu acervo para a biblioteca da Unirio. Zeca Ligiéro assumiu a curadoria do mesmo e, com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), realizou o tratamento técnico ao material e a construção das instalações da futura Sala Augusto Boal.

No ano seguinte, morre Augusto Boal (1931-2009). O dramaturgo teve uma atuação enérgica na criação e desenvolvimento do Teatro do Oprimido até o final da sua vida, junto ao Centro de Teatro do Oprimido (CTO), no Rio de Janeiro/RJ, espaço que criou em 1986. Foi nos últimos anos de sua vida que Boal desenvolveu coletivamente as experimentações que foram sistematizadas na sua última obra, *A Estética do Oprimido* (BOAL, 2009), publicada *post-mortem*.

---

<sup>1</sup> Essa dissertação foi publicada na forma de livro (TURLE, 2014).



A morte de Boal deixa os integrantes do CTO sem o seu diretor artístico, que tinha, entre outras funções, a de coordenar o processo de síntese e de sistematização das experiências e das novas técnicas experimentadas em laboratórios naquele coletivo. De certo modo, essa ausência de Boal irá induzir os curingas do CTO a buscar cursos de pós-graduação em diferentes universidades do Estado do Rio de Janeiro com o objetivo de continuarem a teorização e sistematização das práticas do Teatro do Oprimido com perspectivas e abordagens científicas.

Após finalizar meu doutoramento, continuei atuando como pesquisador do NEPAA, realizando estágio de pós-doutorado na Unirio de 2011 a 2016. Paralelamente, atuava na Coordenação de Teatro da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro (SEC-RJ), onde, por meio de um convênio entre o CTO, a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) e a SEC-RJ, conseguimos financiamento para uma oficina de formação em Teatro do Oprimido na Escola de Teatro (ET) da Unirio em 2010.

Esse curso ministrado por Cláudia Simone, Flavio da Conceição e Helen Sarapeck (curingas do CTO à época) estimulou estudantes da graduação e pós-graduação a continuarem seus estudos em Teatro do Oprimido e a comporem o NEPAA. Por exemplo, integraram-se a esse grupo as mestrandas Gabriela Chiari e Clara Andrade<sup>2</sup> e a graduanda Alarissa Mattar. Com a colaboração dessas pessoas, houve o desenvolvimento de disciplinas optativas de Teatro do Oprimido na ET/Unirio em 2011.

Ao lado de outras linhas como Teatro de Rua, Performances Ameríndias, Performances Afro-Brasileiras,<sup>3</sup> o Teatro do Oprimido se constituía como uma linha de pesquisa do NEPAA, o que foi cada vez mais trazendo o interesse de pesquisadores nacionais e internacionais a desenvolverem pesquisas sobre o método na Unirio. Com a entrada desses pesquisadores, ia se constituindo desde 2011 dentro do NEPAA um Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido, o GESTO.

---

**2** No PPGAC/Unirio, estas pesquisadoras desenvolveram estudos relativos ao Teatro do Oprimido que são importantes referências para a área (ANDRADE, 2011, 2014, 2017; CHIARI, 2013).

---

**3** A listagem completa de linhas de pesquisa do NEPAA encontra-se no seu cadastro junto ao CNPq. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogruppo/1009147244122094>>. Acesso em: 25 nov. 2021.



Em 2012, o NEPAA recebe a professora colombiana Bétsy Pérafan,<sup>4</sup> para estágio pós-doutoral, e o curinga Flavio da Conceição,<sup>5</sup> para o seu doutoramento. Com a vinda de estudantes da Universidade do Sul da Califórnia (UCLA), sob a coordenação do professor Bobby Gordon, para realizarem atividades no CTO, Flavio (que fazia parte naquele momento tanto do CTO quanto do GESTO) trouxe a proposta da organização de um evento científico internacional que pudesse reunir pesquisadores e professores de universidades do mundo inteiro. Assim, foi criada a primeira edição das Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade (JITOU) em 2013, que teve a participação de professores, pesquisadores e ativistas de 12 países: Alemanha, Áustria, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Espanha, EUA, Inglaterra, Itália, México, Paraguai e Taiwan.

O GESTO dentro do NEPAA/Unirio continua se expandido nos anos seguintes com a entrada de duas pesquisadoras e um pesquisador aos programas de pós-graduação dessa instituição: a musicoterapeuta Jussara Trindade para seu pós-doutoramento (2013), a curinga Helen Sarapecck como mestrandia (2014) e o cenógrafo e curinga Cachalote Mattos<sup>6</sup> (2014).

Posteriormente, pessoas envolvidas com o Teatro do Oprimido em outras instituições de ensino superior foram se somando às atividades do GESTO, como César Augusto Paro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2015), que já vinha desenvolvendo investigações e ações do método na área da saúde (PARO, 2015), Antônia Pereira Bezerra, da Universidade Federal da Bahia – UFBA (2017), uma das então maiores pesquisadoras do método no país, e Luzirene do Rego Leite, da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – FADM, do Distrito Federal (2020), que realizava pós-doutoramento sob supervisão de Antônia Pereira.

---

**4** A pesquisadora desenvolveu o projeto *A utilização do Teatro do Oprimido na disciplina de Direitos Humanos na Universidad de Los Andes, Bogotá, Colômbia*.

---

**5** No PPGAC/Unirio, o pesquisador desenvolveu tese sobre a função curinga no Teatro do Oprimido (CONCEIÇÃO, 2016).

---

**6** Em suas dissertações de mestrado, Cachalote e Helen aprofundaram os processos artístico-investigativos que já vinham desenvolvendo em suas trajetórias com o Teatro do Oprimido (MATTOS, 2016; SARAPECK, 2016).





Desde a sua criação, o GESTO tem promovido atividades dentro do contexto universitário, quanto também fora dele, sempre com vistas à multiplicação criativa do método na formação e à construção compartilhada de conhecimento para o trabalho social. Você poderia contar um pouco sobre esses processos desenvolvidos?

**Helen Sarapeck** – Nestes anos de existência do GESTO, ele foi se constituindo no seu próprio caminhar, tal qual *poetiza* Antonio Machado: “o caminho quem faz é o caminhante ao caminhar” (*apud* BOAL, 2009, p. 248). O GESTO foi, nessa caminhada, investigando as possíveis áreas em que fosse interessante atuar para que pudesse cumprir com o seu foco de difusão e de entrada do Teatro do Oprimido na universidade. E, ao estar “mais dentro” do mundo acadêmico, está também “mais fora” da academia como consequência. Ou seja, sempre fomos pensando e operando o Teatro do Oprimido como um facilitador do trânsito entre a academia e a comunidade no processo de transformação da realidade.

Em relação às diversas frentes em que o GESTO tem atuado, há o desenvolvimento de cursos e oficinas de formação no método, já realizadas em diferentes lugares do país e fora dele por meio de parcerias institucionais ou com movimentos sociais.

Outro destaque é a realização das Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade (JITOU), que, desde 2013, têm sido realizadas anualmente. O encontro foi realizado na Unirio da sua primeira à quinta edição. A Escola de Teatro da UFBA foi sede da sexta e da sétima edição. E, por fim, a oitava e a nona edição foram desenvolvidas por meio remoto, devido ao período pandêmico decorrente da proliferação da COVID-19. Estas jornadas têm como objetivo disseminar o Teatro do Oprimido no contexto universitário, bem como refletir sobre o método e colocar pesquisadores, docentes, estudantes, praticantes e *artistas* em diálogo.



Há alguns anos estamos também trabalhando no desenvolvimento de uma pós-graduação *lato sensu*, do tipo especialização, que, neste momento, está em tramitação para ser realizada na UFBA. Com essa modalidade de ensino, pretendemos formar profissionais de várias áreas na multiplicação crítica, criativa e reflexiva do método, em especial nos campos da Arte e da Educação, contribuindo para a ampliação da capacidade de conceber e produzir ações e projetos no campo da *Estética do Oprimido*.

Ao mesmo tempo que buscamos ampliar as possibilidades de formação em Teatro do Oprimido e de produção de espaços para o encontro de praticantes do método, temos também buscado desenvolver produções acadêmico-científicas: 1) todas as JITOU que possuíram apresentações de comunicações orais tiveram a publicação de seus respectivos anais;<sup>7</sup> 2) organização de livros com a parceria de outros pesquisadores;<sup>8</sup> e 3) contribuições diversas junto a revistas científicas.<sup>9</sup>

Por fim, atualmente, em parceria com as diversas pessoas com quem temos interagido ao longo destes anos de atuação, estamos desenvolvendo um Observatório de Teatro do Oprimido. Com isso, queremos criar um espaço de congregação de experiências e saberes em que as pessoas possam inserir, acessar e difundir informações relativas a como tem sido desenvolvido o Teatro do Oprimido na universidade, buscando compreender questões como: quem são as pessoas que ofertam atividades com o Teatro do Oprimido? Que disciplinas existem? Estas disciplinas são obrigatórias? São optativas? Como são desenvolvidos projetos de extensão? Quais são os grupos de pesquisa em Teatro do Oprimido? Como se trata de um projeto ainda em seu início e sem apoio financeiro, estamos centrando na realidade nacional, sendo que, a partir de seu fortalecimento aqui no Brasil, pretendemos também abarcar o contexto internacional e maximizar a formação de uma rede internacional em Teatro do Oprimido na academia.

Acho que essas frentes resumem um pouco do trabalho do GESTO e o foco do grupo nestes anos de existência, de investimento e de descobertas...

---

**7** Os anais podem ser acessados no seguinte repositório. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/1A2y-ZsQ0Ms3PMmoCB-ZAeOUjQHAuCZdIlC?usp=sharing>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

---

**8** Já houve a publicação de dois volumes do livro *Teatro do oprimido e universidade: experiências pedagógico-artivistas e(m) redes para esperar* (BEZERRA et al., 2021; MATTOS et al., 2016), bem como a organização do livro *Augusto Boal: arte, pedagogia e política* (LIGIÉRO; TURLE; ANDRADE, 2013).

---

**9** Por exemplo, destacamos aqui a publicação da Edição Temática n. 40 da Cadernos do GIPE-CIT *Teatro do Oprimido: práticas político-pedagógicas – ‘Ensaio para a Revolução’* organizada pelo GESTO. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/gipe-cit/issue/view/1966>>. Acesso em: 25 nov. 2021.



IMAGEM 2  
Capas das nove  
edições das JITOU

Toda essa trajetória que nos foi contada anteriormente se deu sempre a partir de parcerias com movimentos sociais, dado o caráter político do Teatro do Oprimido e o seu compromisso de transformação social. Como é a relação do GESTO com os demais coletivos que trabalham com o Teatro do Oprimido e também com as diversas lutas sociais?

**Cachalote Mattos** – O GESTO sempre pensou uma atuação em parceria com as diversas camadas da sociedade, desde que esses coletivos, movimentos sociais e instituições tenham valores éticos compromissados com a luta das pessoas oprimidas. A coletividade e a solidariedade são a base do Teatro do Oprimido e a tentativa de transformar o mundo em um lugar mais justo (sem racismo, LGBTQIA+fobia, machismo, sexismo etc.) só será possível





com uma atuação em rede, com forças conjuntas se articulando para a tentativa de construção de outros mundos possíveis.

Como Licko [Turle] bem relembra, o GESTO sempre teve uma parceria muito grande com o Centro de Teatro do Oprimido (CTO), o que teve seu início na primeira edição das JITOU. Flavio da Conceição, Helen Sarapeck e Cláudia Simone do CTO ofereceram uma oficina na Unirio para estudantes desta instituição e para a turma da UCLA que fazia residência artística no CTO na época.

Nessa primeira interação, já observamos uma intensa articulação em rede envolvendo coletivos de teatro, universidades e grupos de pesquisa. Ao mesmo tempo que o GESTO tem como meta difundir o Teatro do Oprimido dentro das universidades, Brasil adentro e mundo afora, promovendo as JITOU anualmente como espaço de encontro com trocas de experiências e pesquisa, o grupo tem a preocupação de não se afastar e se perder da base, da raiz do Teatro do Oprimido. Dessa forma, se preocupa intensamente em proporcionar o fluxo de troca entre a universidade e grupos de Teatro do Oprimido espalhado pelo Brasil e pelo mundo.

Tal fluxo esteve presente em várias das edições das JITOU, tanto com a universidade indo em encontro à comunidade e movimentos sociais, quanto com a comunidade e os movimentos sociais palestrando na universidade, ocupando este lugar de trazer seus saberes e experiências para o mundo acadêmico.

Lembro de três experiências que aconteceram em diferentes edições das JITOU: uma foi a parceria com o movimento Se Essa Rua Fosse Minha, do Rio de Janeiro/RJ, que utiliza a metodologia Circo Social para trabalhar com crianças e adolescente em situação de rua; a outra foi a experiência na Ocupação Manoel Faustino, do Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB), no subúrbio de Salvador/BA; e uma última recordação



foi a troca de experiência com o Quilombo Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde/BA.

Com a primeira organização, desenvolvemos uma grande mostra de teatro numa praça pública de um importante bairro da capital carioca como parte oficial da programação das JITUU. Além disso, os alunos do instituto também foram para a Unirio para participar da programação do evento. Tivemos um processo horizontal de diálogo sobre a vida, construído pelas duas instituições.

A experiência de troca com o MSTB foi mágica: participantes das JITUU, universitários, pesquisadores e professores foram *in loco* entender como funciona uma ocupação urbana por moradia na Bahia, conviver com a comunidade. Foi um dia de poesia, de apresentações artísticas locais, de performances coletivas, de troca de experiências e saberes.

A visita ao quilombo, da mesma forma, foi intensa. Iniciamos o dia com uma grande roda com todos os participantes quilombolas e pessoas participantes das jornadas de diversas partes do país. Nas oficinas, pudemos construir juntos saberes para lutar contra as opressões impostas pelos meios dominantes. Um ano depois, os pássaros continuam a se comunicar pelos cantos: a quilombola Mariele Cristina Conceição nos envia um *Jornal do Quilombo*, desenvolvido a partir das técnicas do Teatro Jornal, material que foi apresentado nas JITUU seguinte ao público participante.

Muitos saberes são construídos fora dos muros das universidades e, sabendo disso, o GESTO não abre mão de continuar na criação de parcerias com grupos de Teatro do Oprimido e movimentos sociais. Perseguimos esse horizonte na tentativa de reduzir o risco de desenvolver um Teatro do Oprimido elitizado, que é praticado por uma parcela privilegiada que ingressa na universidade. Estar sempre perto da base... Revisitá-la constantemente... Perceber que existem raízes profundas e tronco forte... Tudo isso ajuda a não nos perdermos nos nossos voos.





O contexto pandêmico trouxe diversos desafios diante da necessidade de distanciamento físico, que, por vezes, foi imputada num mantra de “isolamento social”. Sabemos que o GESTO se movimentou muito neste período, experienciando o desafio de constituir presencialidade mesmo na virtualidade. Você pode nos contar como foi a atuação do grupo neste período?

**Luzirene Rego** – Durante todo o mês de janeiro de 2020, o GESTO ofertou, em regime de imersão, um curso prático de extensão no Teatro Castro Alves, Salvador-BA, intitulado *Formação Básica em Teatro do Oprimido*. O curso, que foi ministrado por Licko Turle e Cachalote Mattos do GESTO, também contou com a participação de Bárbara Santos, do Instituto Kuringa, Berlim, Alemanha. Naquele momento, havia entre os participantes a manifestação do desejo de continuar os estudos teóricos.

O projeto de especialização a que Helen se referiu provavelmente ocorreria ainda em 2020, o que poderia se conformar com uma importante estratégia para suprir esta necessidade de adensamento teórico entre praticantes interessados. No entanto, veio a pandemia em março, que jogou um verdadeiro balde de água fria em diversos de nossos planos.

A necessidade de continuidade de criação de espaços formativos no contexto pandêmico fez com que Licko [Turle] sugerisse a criação de grupos virtuais de estudos em Teatro do Oprimido, que foi carinhosamente denominado de GEVTO – Grupo de Estudos Virtuais em Teatro do Oprimido. A ideia era que pudéssemos congregamos pesquisadores, professores, estudantes e *artistas*, de qualquer área de conhecimento, que quisessem conhecer um pouco mais sobre a teoria do método teatral mais praticado no mundo, por meio do estudo de alguma das obras de seu criador, Augusto Boal.

Para que fosse possível desenvolvê-lo, o GESTO se articulou com praticantes do método que tivessem experiência com ambientes virtuais de



aprendizagem, de modo a contribuir nos processos organizativos do curso, de comunicação com o público interessado e de tutoria/acompanhamento dos participantes. Além da parceria institucional com a UFBA, pudemos também contar com a da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e a da FADM do Distrito Federal. Nesse sentido, o GEVTO foi constituído a múltiplas mãos, corações e cabeças, que, apesar da distância, puderam se conectar por meio virtual e explorar as potencialidades que a virtualidade nos traz em termos de abrangência nacional e até internacional (tivemos, por exemplo, participantes da Argentina, da Austrália, da Colômbia, de Cuba e do Peru).

O projeto propôs a discussão crítica sobre a *poética do oprimido* a partir da leitura de alguns dos livros Augusto Boal: *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas* (1988), *Arco-Íris do Desejo: Método Boal de teatro e terapia* (1996a), *Estética do Oprimido* (2009) e *Teatro Legislativo* (1996b). Foram desenvolvidos encontros síncronos, mas todos os encontros eram gravados e disponibilizados de forma assíncrona, seja para contemplar os participantes que não puderam vir a algum dia, seja para poder servir como material de estudo a outras pessoas.<sup>10</sup>

Assim que fizemos o processo de inscrição para a primeira oferta, tivemos um retorno impressionante: mais de mil pessoas inscritas. As leituras foram bem produtivas e os retornos foram bastantes interessantes, além de haver ocorrido uma maior aproximação entre pessoas interessadas no Teatro do Oprimido. Do GEVTO, inclusive, houve o surgimento de alguns coletivos, como, por exemplo, a Grupa Gestar,<sup>11</sup> de práticas e estudos teóricos do Teatro das Oprimidas.

Bem, além dos grupos de estudo, vale aqui destacar uma das nossas outras ações neste contexto pandêmico: o desenvolvimento de duas versões das JITOU na modalidade virtual.<sup>12</sup> Até então, nunca havíamos experienciado a organização de um evento totalmente remoto. Até tivemos na última edição presencial a transmissão síncrona de alguns poucos espaços, mas

---

**10** As gravações do GEVTO estão disponíveis no Canal Youtube do GESTO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/GESTOGrupodeEstudosemTeatrodoOprimido>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

---

**11** Essa *grupa* desenvolveu comunicação oral durante as IX JITOU, apresentando as suas ações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zFDwWjN8rtk>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

---

**12** As VIII e IX JITOU foram realizadas de modo totalmente remoto, por meio da plataforma Even3. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/jitou2020/>> e <<https://www.even3.com.br/jitou2021/>>. Acesso em: 25 nov. 2021.



sem muitos investimentos em pensar nas adaptações necessárias das Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade (JITOU) para serem realizadas em modalidade virtual.

O desafio de construir as JITOU nos trouxe vários desconfortos, principalmente quando comparado com o modo como organizávamos as edições presenciais. No entanto, também tivemos gratas surpresas: pela primeira vez tivemos uma participação muito significativa de praticantes do método da região Norte do país. Isso conflui inclusive para a constituição de um coletivo, o Norte das Resistências, que aproximou docentes e discentes de diferentes universidades da região amazônica. Além disso, o debate do contexto amazônico foi também mais tematizado na própria JITOU, o que é um importante assunto na atualidade.

Por fim, esta modalidade virtual nos permitiu também avançar no estabelecimento de um acervo de vídeos em Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.<sup>13</sup> Todo o material que organizamos nas nossas redes sociais estará agora passando por curadoria para que possamos desenvolver o site do nosso GESTO.

Desde a realização da sexta edição das JITOU (Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade) em terras soteropolitanas, pudemos firmar uma parceria institucional com a UFBA e hoje somos inclusive um Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq junto à Escola de Teatro desta instituição. Você pode nos contar um pouco sobre o Teatro do Oprimido na UFBA?

**Antônia Pereira Bezerra** – Em fevereiro de 1999, defendi a minha tese na França intitulada *A noção de espectador-ator no Teatro do Oprimido: gênese, pessoa, personagem e personalidade* (BEZERRA, 1999). Dois meses depois, retorno para a UFBA, em Salvador, na Bahia, como bolsista de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional do Conselho

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/GESTOGrupodeEstudosemTeatrodoOprimido>>. Acesso em: 25 nov. 2021.



Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (DCR/CNPq). Era uma bolsa bem robusta, muito significativa em termos financeiros, bem como uma modalidade muito estratégica, dado que visava à fixação de doutores em algumas regiões do país, como a Nordeste, onde se carecia de pesquisadores na área de ciências humanas. Pelo visto, o objetivo de fixação funcionou, afinal, estou aqui na UFBA até hoje!

Enquanto bolsista DCR, dei aula e fiz orientações junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, onde ainda era muito tímida a inserção do Teatro do Oprimido. Também desenvolvi projeto de pesquisa que expandiu o objeto do meu período de doutoramento, investigando, agora, as noções de *pessoa, personagem e personalidade* nas poéticas de Augusto Boal e Armand Gatti. Apesar de ter me graduado na UFBA e não ser “novata” na instituição, eu havia passado quase dez anos na França e, naquele momento, não tinha ainda muita intimidade com o meio artístico-teatral – algo que eu precisava reconquistar. Por isso, esse projeto foi num primeiro momento totalmente prático para que eu pudesse conhecer melhor a comunidade local.

No final de 2001, ingresso na Escola de Teatro como Professora Adjunta. Então, começo a dar aulas na graduação e inicio com orientações de pesquisas. Entre 2003 e 2004, oriento três graduandas bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em um projeto sobre a montagem de um espetáculo de Teatro-Fórum a partir do texto *Um dia na vida de uma enfermeira*, de Armand Gatti, que eu havia traduzido anteriormente durante o pós-doutorado. Apresentamos essa peça na Sala 5 da Escola de Teatro da UFBA, nos seminários internos de pesquisa da UFBA e, inclusive, na VII Mostra de Teatro Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),<sup>14</sup> na condição de convidadas especiais para realizar a abertura do evento, tendo grande receptividade da comunidade acadêmica de lá.

---

**14** Confira aqui a chamada confeccionada para a realização deste evento. Disponível em: <<https://noticias.ufsc.br/2004/10/vii-mostra-de-teatro-educacao-comeca-nesta-terca-e-vai-ate-sexta-feira/>>. Acesso em: 25 nov. 2021.



A partir do meu envolvimento com o ensino na pós-graduação, começo a introduzir a poética de Augusto Boal e alguns elementos práticos do Teatro do Oprimido, sobretudo nas disciplinas Formas do Espetáculo e Tópico Especiais em Artes Cênicas.

No campo da extensão, venho desenvolvendo a partir do método projetos comunitários na temática de gênero em interlocução com a comunidade LGBTQIA+, bem como fui convidada a atuar junto aos servidores da Empresa Baiana de Água e Saneamento (Embasa). O processo desenvolvido nessa empresa pública se deu a partir do convite do Serviço Social da Indústria diante das repercussões catastróficas advindas da avaliação funcional que fora desenvolvida por especialistas estrangeiros para avaliar uma realidade que nem sequer conheciam. Junto com a equipe de artistas e arte-educadoras da UFBA coordenada por mim, somaram-se uma psicóloga interpessoal e uma socióloga e médica do trabalho para desenvolvermos intervenções na temática da saúde do trabalhador com o Teatro do Oprimido. As melhorias na qualidade de vida advinda nesse processo fizeram com que o que era somente para ser duas semanas acabasse por se estender a quase dois anos de interlocução.<sup>15</sup>

Diria que esses foram os primeiros passos da introdução do Teatro do Oprimido e da pesquisa prática e teórica do Teatro do Oprimido na Escola de Teatro e em outras unidades da UFBA. Com o passar dos anos, vejo que o interesse pelo Teatro do Oprimido e todo o legado de Augusto Boal foram se expandido, ao ponto de, na grande reforma curricular dos cursos de graduação que tivemos na Escola de Teatro em 2015, ter sido possível introduzir o Teatro do Oprimido de forma regular nos currículos com a criação de uma optativa na temática,<sup>16</sup> que vem despertando muito interesse nos graduandos das licenciaturas. No PPGAC, tenho orientado diversos mestrandos e doutorandos, bem como supervisionado pós-doutorandos, que têm manifestado interesse em investigar o Teatro do Oprimido ou a partir deste.

---

**15** Detalhes desse projeto junto à Embasa podem ser vistos em Canda (2013), em SESI (2012) e em Soares (2014).

---

**16** Houve a criação da disciplina optativa teórica TEAB16 – Estudos sobre o Teatro do Oprimido, com carga horária de 68 horas e a seguinte ementa: “Investigação dos pressupostos políticos, sociais e históricos da Estética do Oprimido. Estudo dos principais conceitos, métodos e estratégias de dramaturgia e encenação de Augusto Boal a partir da compreensão do Teatro do Oprimido”. Disponível em: <<https://alunoweb.ufba.br/SiacWWW/ExibirEmentaPublico.do?cdDisciplina=-TEAB16&nuPerInicial=20191>>. Acesso em: 25 nov. 2021.





Em 2017, houve o ingresso do pesquisador e praticante de Teatro do Oprimido Licko Turlle como Professor Visitante na Escola de Teatro e, a partir do estreitamento dos nossos laços, pudemos realizar em conjunto a sexta e a sétima edição das Jornadas Internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade (JITOU) na UFBA, que, até então, eram sediadas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Isso culminou com a minha integração ao GESTO. Em 2020, decidimos nos institucionalizar como Grupo de Pesquisa cadastrado no Diretório do CNPq,<sup>17</sup> tendo a ETUFBA como sede formal do grupo.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

*Nenhuma oficina, encontro, ensaio ou qualquer atividade do TO deve terminar quando acaba: pelo contrário, deve projetar-se no futuro e produzir consequências individuais e sociais, por menores que sejam, reais.*

*Todo e qualquer evento do TO deve objetivar as ações sociais concretas continuadas.*

*Algo novo deve começar quando finda, sem terminar jamais!*

*Augusto Boal (2009)*

---

<sup>17</sup> O grupo se constitui a partir de quatro linhas de pesquisa: A multiplicação criativa do Teatro do Oprimido para contextos de transformação social; Estética do oprimido e a produção de uma arte libertária; Princípios e fundamentos do Método do Teatro do Oprimido; Práticas do Teatro do Oprimido na Educação. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogru-po/9840877731613921>>. Acesso em: 25 nov. 2021.



Como bem nos relembra Boal em *A Estética do Oprimido*, “a História refere-se a hoje, não só ao passado”. O exercício historiográfico deste manuscrito vai para além de trazer alguns elementos da trajetória de um grupo de pesquisa em Teatro do Oprimido... Os depoimentos são, sobretudo, um retrato da recente abertura de escolas de teatro universitárias para o legado boalino! Decerto que esta abertura não foi uma mera concessão da academia: como identificado nos relatos, esta conquista é fruto dos voos de artistas-pesquisadores (os ditos “passarinhos” recriadores/multiplicadores do método, para lançar mão aqui de uma metáfora utilizada por Boal) pelo ambiente universitário.

À guisa de considerações finais, podemos identificar que o GESTO inicia sua atuação no interior de um grupo de pesquisa da Unirio junto com outras temáticas das artes cênicas e hoje está sediado na UFBA enquanto um grupo que tem como objeto principal o Teatro do Oprimido. A organização das JITU pelo grupo tem se configurado como um dos principais espaços de encontro de pesquisadores e artistas no Brasil. Ademais, o grupo tem incorporado a publicação sobre pesquisas a partir deste fazer teatral, o que tem contribuído com o adensamento da sua discussão no espaço acadêmico e o aumento de fontes bibliográficas.

Ainda que muitos dos esforços e percursos apresentados devam ser celebrados, a inserção do Teatro do Oprimido no mundo acadêmico ainda tem uma longa trajetória. Neste sentido, o GESTO tem continuado a sua missão de inédito-viabilizar a inserção dos estudos em Teatro do Oprimido no ensino superior, de forma a reparar uma dívida histórica da academia brasileira com um dos maiores teatrólogos do mundo, Augusto Boal.

Por fim, em espírito de festa, que possamos aqui celebrar nossas raízes, nossos troncos, nossos frutos, nossas asas: viva o GESTO! Viva a Escola de Teatro da UFBA! Viva as transformações! Viva o Teatro do Oprimido! Que possamos, coletivamente, continuar produzindo poéticas políticas para inédito-viabilizar um mundo com justiça social e belo.



# FONTES ORAIS

» ***Licko Turle***

Ator, Diretor e Professor. Mestre e Doutor, com pós-doutorado em Teatro pela UNIRIO. Criou em 1986, com Augusto Boal, o Centro de Teatro do Oprimido. Idealizador da PELE NEGRA ESCOLA DE TEATROS PRETOS, Salvador, Bahia.

» ***Helen Sarapeck***

Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Artivista, Educadora, Produtora e Curinga há 30 anos, com pesquisa voltada para o uso do Teatro do Oprimido na educação. Curinga do CTO desde 1990 e coordenadora geral entre 2009 e 2013.

» ***Cachalote Mattos***

Doutorando em Artes pela UERJ, Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO e cenógrafo pela UFRJ. Consultor de imagem do CTO Rio, trabalhou com Augusto Boal entre 1998/2009. Pesquisador da Estética do Oprimido. Integra o Coletivo Cor do Brasil e o Coletivo Siyanda de Cinema Negro.

» ***Luzirene do Rego Leite***

Arte-educadora da Educação Básica e do Ensino Superior. Doutora em Arte, Mestre em Arte e Tecnologia e Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas (UnB), com pós-doutorado em Teatro do Oprimido pelo PPGAC/UFBA.

» ***Antonia Pereira Bezerra***

Professora Titular da Universidade Federal da Bahia. Mestre (1992) e Doutora (1999) pela Université de Toulouse II, Le Mirail. É atriz, dramaturga, professora e pesquisadora do PPGAC/UFBA. Atualmente, é líder do grupo GESTO no CNPq.



## REFERÊNCIAS

- » ANDRADE, Clara de. *O exílio de Augusto Boal*: reflexões sobre um teatro sem fronteiras. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). 2011. 118 f. Escola de Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- » ANDRADE, Clara de. *O exílio de Augusto Boal*: reflexões sobre um teatro sem fronteiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- » ANDRADE, Clara de. *Teatro do Oprimido de Augusto Boal na França*: transformações locais e expansão transnacional. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). 2017. 245 f. Escola de Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- » BEZERRA, Antônia Pereira. *Le Théâtre de L'Opprimé et la notion du Spectateur-Acteur*: Gênese Personne Personnage Personnalité. Tese (Doutorado em Letras Modernas). 1999. 200 f. Université de Toulouse II , Le Mirail, 1999.
- » BEZERRA, Antônia Pereira; MATTOS, Cachalote; PARO, César Augusto; SARAPECK, Helen; TURLE, Leite; LEITE, Luzirene Rego do (Orgs.). *Teatro do oprimido e universidade*: experiências pedagógico-artivistas e(m) redes para esperar. Vol. 2. Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo, 2021.
- » BOAL, Augusto. *A estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- » BOAL, Augusto. *Arco-Íris do Desejo*: o método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996a.
- » BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- » BOAL, Augusto. *Teatro Legislativo – Versão Beta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996b.
- » BOAL, Augusto. *Técnicas latino-americanas de teatro popular*: uma revolução copernicana ao contrário. São Paulo: Hucitec, 1979.
- » CANDIA, Cilene. *Todo mundo pode fazer teatro*: o teatro do oprimido e a formação político-estética de trabalhadores da indústria. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). 2013. 263 f. Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.



- » CHIARI, Gabriela Serpa. *Laboratório Madalenas – Teatro das Oprimidas*: inovação pedagógica para o gênero feminino. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). 2013. 134 f. Escola de Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- » CONCEIÇÃO, Flavio Satnos da. *O Curinga como dinâmica dos processos pedagógicos, artísticos e políticos do Teatro do Oprimido*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). 2016. 205 f. Escola de Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- » LIGIÉRO, Zeca; TURLE, Licko; ANDRADE, Clara de (Orgs.). *Augusto Boal: arte, pedagogia e política*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.
- » MATTOS, Cachalote. *A Estética do Oprimido de Augusto Boal, no processo de criação de imagem do espetáculo de Teatro Fórum Cor do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). 2016. 118 f. Escola de Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- » MATTOS, Cachalote; SANCTUM, Flavio; SARAPECK, Helen; TRINDADE, Jussara; TURLE, Licko; LIGIÉRO, Zeca (Orgs.). *Teatro do oprimido e universidade: experimentos, ensaios e investigações*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo, 2016.
- » PARO, César Augusto Paro. *Teatro do oprimido e promoção da saúde: perspectivas e desafios*. Monografia (Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva). 2015. 100 f. Instituto de Estudos e Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- » SARAPECK, Helen. *Abraçando a Árvore do Teatro do Oprimido: pesquisa memorial de experiências*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino das Artes Cênicas). 2016. 200 f. Escola de Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- » SESI. Serviço Social da Indústria Departamento Regional da Bahia. *Teatro-Fórum e pedagogia da intervenção na indústria*. Salvador: Sistema FIEB, 2012.
- » SOARES, Taína Assis. *Preparação corporal em teatro fórum: a revolução do Embasart*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). 2014. 119 f. Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- » TEIXEIRA, Tânia M. B. *Dimensões socioeducativas do teatro do oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal*. 2005. 335 f. Tese (Doutorado em Educação e Sociedade) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2007.
- » TURLE, Licko. *Teatro do oprimido e negritude – a utilização do teatro-fórum na questão racial*. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.